



# A fasquia ficou lá em cima

Arranca na quinta-feira mais um DocLisboa com uma programação de classe mundial: é de aproveitar enquanto dura

TEXTO FRANCISCO FERREIRA

"How I Fell in Love With Eva Ras", de André Gil Mata: um dos filmes portugueses mais importantes do ano



Área: 1262cm² / 49%

FOTO Titragem: 123.400

Cores: 4 Cores

ID: 5531586

# U

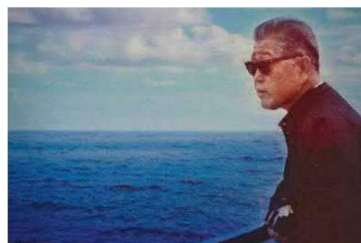
m ancião de origem japonesa — e que descobrimos pelo azul do mar e pelas palmeiras que o rodeiam viver há muito no Hawai — aceita ser filmado pela neta, cineasta, que o vai interrogando sobre a história da sua

vida, em *off*. Na verdade, Tom, assim se chama ele, é filho de imigrantes nipónicos do início do século XX — e uma daquelas figuras de encanto com quase um século de memórias e que, também por isso, dá gosto escutar. A experiência de vida do avô permite então que a neta vá preenchendo de amor e de melancolia o guião em que ela está a trabalhar — e um filme vai-se fazendo entretanto. Eis o ponto de partida de "95 and 6 To Go", da documentarista americana Kimi Takesue. As memórias de um tremendo terramoto que fustigou a Calábria, sul

de Itália, no final do século XVIII, não ficaram registadas apenas em livros e gravuras da época, ou numa suposta premonição de Goethe. Num filme sensorial como "Atlante 1783", que é em simultâneo um estudo social e geográfico de uma região e uma viagem no tempo, o grau de destruição daquele acontecimento é ainda bem visível nas feridas brancas que ficaram gravadas nas montanhas ou nas ruínas das casas de velhas aldeias. Realiza a italiana Maria Giovanna Cicciari. Em "A Friend from Siberia", o motivo da viagem é outro. Yuki

Kawamura, jovem cineasta japonês que se fez notar com uma obra sobre o tsunami de 2011 no país do sol nascente, "Four Months After" (as suas curtas também já passaram em vários festivais portugueses), conheceu, no festival de São Petersburgo de 2012, um realizador amador russo que cegou por completo após prestar serviço militar na segunda guerra da Tchetchénia, Alexander "Sacha" Montov. "A Friend of Siberia" é a história da amizade improvável entre estes dois homens (que comunicam como podem num inglês sofrível) e o relato,

Da esquerda para a direita, "95 and 6 To Go", de Kimi Takesue (EUA), "A Friend from Siberia", de Yuki Kawamura (Japão), "The Sea Is History", de Louis Henderson (Reino Unido) e "La Siesta del Tigre", de Maximiliano Schonfeld (Argentina) — todos em estreia mundial no DocLisboa



de resto muito humorado e sempre imprevisível, do périplo de Yuki na cidade gelada de Surgut, onde vive "Sacha", o seu novo amigo. Apesar do *handicap* (e que raro é para alguém com a sua profissão!), "Sacha", cineasta cego, continua a trabalhar. Espantoso retrato de sobrevivência, o deste filme, em que sentimos toda uma Rússia profunda ainda mal relacionada com o presente e a tentar regenerar-se, tal como se regenera à nossa frente a personagem.

E o que dizer de "The Sea Is History", do britânico Louis Henderson, ou de "La Siesta del Tigre", do argentino Maximiliano Schonfeld? O primeiro, quase nas franjas do cinema experimental, dá conta das primeiras expedições colonialistas europeias de Colombo à República Dominicana e ao Haiti e dessa História imposta que o mar trouxe àquelas bandas, como se sublinha num poema de Derek Walcott, escritor caribenho, de Santa Lúcia, Nobel da Literatura em 1992. Henderson volta a realizar um filme a partir dos vestígios deixados por um passado de violência. O segundo acompanha um grupo de cinco homens, todos com o seu quê de doido (embora já com idade para terem juízo), que procuram, ao longo das margens de intermináveis cursos de água, fósseis do maior felino que alguma vez habitou as terras da Patagónia, o já extinto — crê-se que há 10 mil anos — tigre dentes-de-sabre. Por causa dessa tendência a resvalar sempre para o relato mítico, o filme gera uma empatia tão estranha como a de "Il Solengo", que venceu o DocLisboa do ano passado. Não é a primeira vez que Schonfeld, aliás, mistura com subtilidade o mistério e o horror nos seus documentários ficcionados — este *buddy movie* é certamente o melhor deles, e um dos mais fabulosos filmes que serão mostrados entre nós a partir de quinta-feira (o filme de abertura é "Oleg y las Raras Artes", de Andrés

Duque, Culturgest, 21h30). Pois bem, e que têm em comum todos estes títulos? O que os une apesar das diferenças abissais como olham para o mundo? É que todos terão a sua estreia mundial em Lisboa a partir da próxima quinta-feira. Este assunto é sério, sintomático do valor e da reputação internacional que o DocLisboa atingiu e merece reconhecimento: das 18 obras que o Doc apresenta na Competição Internacional desta edição, sete são estreias mundiais (!), seis outras há que só foram ainda apresentadas nos seus países de origem. Que quer isto dizer? Quer dizer algo que nunca em Portugal e na história dos festivais portugueses tivemos (muito menos com esta abundância), pois somos demasiado pequenos. Quer dizer que o Doc, definitivamente, subiu a parada e meteu-se na 'guerra' dos festivais internacionais, sobretudo a que se trava entre os seus pares, disputando agora a primazia de autores e obras com o Cinéma du Réel, de Paris, com o FID, de Marselha, ou com o CPH:DOX, de Copenhaga — que têm muito mais recursos económicos. Ou seja, há cineastas internacionais que hoje querem vir a Lisboa — imagine-se! — mostrar os seus trabalhos pela primeira vez (quando o comité do DocLisboa os selecciona, entenda-se...). "Portugal está a ficar demasiado pequeno para o nível do DocLisboa", aqui se escreveu há um ano. Valeu a pena correr esse risco: a frase está válida para 2016.

Havia a curiosidade de saber que seguimento daria a direcção do festival às retrospectivas que dedicou ao terrorismo e à Grécia (ao cinema grego) em 2015. Ambas estão, ontem como hoje, na ordem do dia. A resposta da 14ª edição que agora começa não tardou. Em "Por um Cinema Impossível: Documentário e Vanguarda em Cuba", fez o Doc um levantamento aturado, persistente, de uma vaga de documentaristas (os cubanos Santiago Álvarez ou Julio García Espinosa, mas também os estrangeiros Chris Marker ou Agnès Varda) que decidiram servir a revolução comunista do país. Com que distância, compromisso e ironia poderemos hoje sopesar essas obras realizadas entre finais dos anos 50 e início dos anos 70, algumas de valor cinematográfico inquestionável, organizadas em 12 sessões temáticas (com curadoria do investigador Michael Chanan)? Um outro programa em forma de

## O DocLisboa, definitivamente, subiu a parada e meteu-se na 'guerra' dos festivais internacionais, sobretudo a que se trava entre os seus pares, disputando agora a primazia de autores e de obras (em estreia mundial)

retrospectiva é aquele que o Doc, por fim, dedica à obra do britânico Peter Watkins (tão mal conhecido em Portugal), pioneiro do docu drama e do falso documentário, do que no cinema parece verdade e é mentira e vice-versa. Watkins tem sempre uma seta apontada ao poder, aos *media*, aos *clichés* da museificação da História, a que ele dedicou os seus filmes mais ambiciosos, "Edvard Munch", ou "La Commune (Paris 1871)". O seu trabalho é único.

Nos programas paralelos há novos filmes de Avi Mograbi, Sergei Loznitsa, Werner Herzog, Rithy Panh, Pere Portabella, autores que o público deste festival aprendeu a tratar por tu; também do chinês Wang Bing, já multipremiado em Lisboa desde a primeira edição do Doc. E duas dezenas de longas-metragens portuguesas (12 delas a concurso) das quais destacamos

para já uma, premiada pelo FID em julho, e que o Doc exhibirá na secção Riscos. É, para atalhar caminho, um dos filmes portugueses mais importantes do ano: "How I Fell in Love With Eva Ras", de André Gil Mata. O autor de "Cativo" acompanha um dia da vida de uma mulher septuagenária, Sena de seu nome, que, aparentemente, vive na cabina de projecção de uma velha sala de cinema de Sarajevo em ruínas. Dessa cabina — e das aparências, ou melhor, do mundo dos espectros, não saímos proje ta a senhora, e em película 35mm, velhas glórias do cinema jugoslavo que ela conhece de cor (filmes de Makavejev, Branimir Tori Jankovic, Zivojin Pavlovic, entre outros quase todos anteriores à queda da do comunismo). Mas porquê, e para quem, perguntamo-nos? Que espectadores existem ainda interessados em tal reportório? E para onde nos leva esta viagem ao passado? Filme apaixonante este, com um título "apaixonado" por uma atriz que outrora foi (e ainda é, está viva!) uma das máximas vedetas dos ecrãs dos Balcãs, Eva Ras. No filme de Gil Mata, talvez Eva Ras nos ajude, pelas personagens que interpreta e que o filme cita, a sabermos um pouco mais da vida de Sena. Essas personagens falam-nos das esperanças, das dúvidas e da dor de um país que não existe mais. De toda uma relação entre a História e o desejo. ●

### 14ª DOCLISBOA

Culturgest, São Jorge, Cinemateca, Gulbenkian, de quinta até dia 30  
[www.doclisboa.org](http://www.doclisboa.org)

